

IMAGINA!

Elizabeth Macedo

*Vamos brincar? Pega esse trem e vem voando me salvar.
Mas trem não voa, Breno. Papai, IMAGINA!*



A surpresa ligeiramente indignada do meu sobrinho, então com 4 anos, de ter que ensinar a um adulto que sempre é possível imaginar diferente é a lição em torno da qual este texto é construído. O futuro fantástico que eu quero aqui imaginar é aquele em que as políticas educacionais e curriculares apostam que os trens voam.

Atualmente, estamos vivendo um crescente aumento das tentativas de controle sobre a educação produzidas via políticas públicas, a maioria delas com muitos parceiros privados que, por vezes, lhes emprestam a sua lógica. Às avaliações e seus múltiplos índices, somam-se intervenções na formação de professores e nas políticas curriculares. No que tange a estas últimas, diretrizes após diretrizes, parece que nunca se controla o tanto que se deseja. As tais bases comuns nacionais, previstas pela LDB, já foram produzidas mais de uma vez com o nome de diretrizes

curriculares e seguem sendo escritas, agora exigidas também pelo PNE. Detalha um pouco mais porque os trens continuam voando, dizem os gestores públicos. E esses maquinistas não foram formados para voar, completam.



Há duas suposições nessa demanda por bases comuns nacionais que julgo importante desmontar para que possamos inventar um futuro em que seja possível imaginar diferente. A primeira é de que garantir educação de qualidade para todos é homogeneizar, de onde deriva a máxima de que a educação precisa ser à prova deste professor que aí

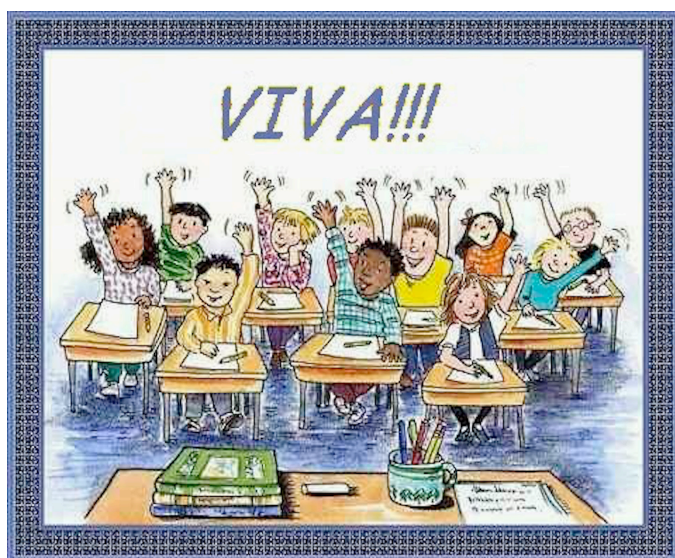
está. A segunda é que educação e ensino são a mesma coisa ou, melhor dito, que educação é ensino. Tais suposições imaginam um futuro em que todos irão para a escola, aprenderão as mesmas coisas e, com isso, terão as mesmas oportunidades. Para a maioria de nós, isso nem seria um mal futuro com que sonhar.

Quero defender que se trata de um sonho impossível, porque traz embutido o seu próprio algoz. Será que algo é impossível para alguém que está propondo que os trens voam? Sem dúvida, porque os trens só voam quando a imaginação é livre, quando a invenção é parte integrante de nossa vida diária. A pretensão de um futuro em que todos aprenderão as mesmas coisas é a tentativa de cercear essa imaginação, tornando a educação mero reconhecimento no já dado.

Imaginemos diferente. Imaginemos que cada sala de aula é um espaço em que se significa o mundo, em que a iteração do já dado é produtiva de novos sentidos. Tenho certeza de que até mesmo os defensores de bases comuns, gostariam de imaginar esse futuro. Mas não sabem como fazê-lo, porque ficaram presos à certeza de que os problemas da educação estão na falta de qualidade dos professores.

Talvez porque os paguem mal e não possam admitir que um profissional tão mal tratado pelo poder público tenha qualidade.

Vamos olhar de novo para esses professores e imaginá-los diferente. Não consertá-los ou projetá-los como um outro, só nos permitir imaginá-los voando para nos salvar [dos nossos próprios limites]. Surpresa! Esse futuro inventado já está lá em cada sala de aula. Nela, há sempre um professor e seus alunos inventando o futuro, produzindo sentidos sobre e para o mundo, existindo como sujeitos para além do ensino, sendo educados. Com dificuldades, errando e acertando, porque assim é a vida, impossível de ser calculada.



Não há lugar para intervenção nesse futuro! Serão bem vindos todos os que quiserem dele participar. O espaço da escola, onde professores e alunos insistem em seguir inventando o seu futuro, precisa de muitas coisas: pessoas com quem os professores possam trocar

ideias sobre aquilo que vêm realizando; melhores condições materiais de trabalho; mais tempo de dedicação à tarefa de educar; melhores salários. Se a aposta na educação é séria, a parceria é esta. A menos que alguém saiba responder qual a base comum para a vida. E, veja bem, não estou perguntando para a vida dos outros [sempre de mais fácil resposta], mas para a nossa própria vida.

Sobre o autor: Elizabeth Macedo é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisadora do CNPq e da FAPER na área de currículo, presidente da International Association for the Advancement of Curriculum Studies.